

Construindo “Universos Alternativos”: Recepção e produção de sentido a partir das *fanfictions*

Theane Neves Sampaio

Bolsista CAPES e Doutoranda em Ciências Humanas e Sociais na Université René Descartes – Sorbonne Paris V. Possui graduação em Bacharelado em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia (2008) e mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio (2013). E-mail: theane.sampaio@gmail.com

Resumo: Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado que buscou entender a recepção das histórias de Harry Potter e da Saga Crepúsculo, a partir da criação e leitura de *fanfictions*. Foi realizada uma reflexão teórica baseada na estética da recepção e nos estudos sobre fãs. Por entender que a produção de sentidos é realizada principalmente a partir da interação e das diversas negociações existentes entre os membros desses grupos de leitura, o *corpus* para análise é composto pelos comentários dos leitores e pelas notas dos autores das quatro *fanfictions* mais comentadas de cada universo ficcional, totalizando 32.771 comentários. Além disso, foram realizadas 21 entrevistas com autores e leitores, onze sobre a Saga Crepúsculo e dez sobre Harry Potter.

Palavras-chave: *Fanfiction*; Recepção; Produção de Sentido

Title: Building "Alternatives Universes": Reception and production of meaning from *fanfictions*

Abstract: This article is the result of a Master research that searched to understand the receipt of the stories of Harry Potter and Twilight Saga, through the creation and reading fanfiction. A theoretical reflection based on the Aesthetics of Reception and Fans Studies was developed. As we considered that the production of meaning is realized mainly through interaction and the negotiations between the members of these groups of reading, the *corpus* for this analysis is composed of the reader's review and author's notes by the four most commented fanfictions of each universe fictional, totaling 32,771 comments. Furthermore, 21 interviews with authors and readers were made, eleven with the Twilight Saga's fans and ten with Harry Potter's fans.

Keywords: Fanfiction; Reception; Production of Meaning

Introdução

Em 1997 surgiu um grande fenômeno de vendas da literatura infanto-juvenil: a série de livros “Harry Potter”, escrita por J. K. Rowling. Entre os anos de 1997 e 2007, os setes livros se tornaram grandes sucessos e milhares de *fanfictions*¹ (histórias derivadas criadas por fãs) do universo de “Harry Potter” foram criadas. Uma das *fanfictions* mais conhecidas foi a série “Draco Dormiens”, composta por Cassandra Claire, publicada no site Fanfiction.net e traduzida para várias línguas. Essas *fanfics* escritas por Cassandra fizeram um enorme sucesso entre os fãs de Harry Potter, leitores de *fanfics*. Nelas, Harry Potter e a bruxa Hermione Granger se apaixonam. A partir daí, muitos fãs passaram a especular se esses dois personagens iriam se envolver amorosamente também no livro. Em uma entrevista, J. K. Rowling foi categórica ao dizer que eles seriam apenas amigos

¹ O termo *fanfiction* também é conhecido como *fanfic* ou apenas *fic* e diz respeito a produções narrativas realizadas por consumidores de produtos culturais tais como livros, jogos, revista em quadrinhos e ficções seriadas.

e que nunca haveria tal relação entre estes personagens. Após essa tomada de posição da autora de “Harry Potter”, a fã Cassandra Claire afirmou ter queimado todos os seus livros da série e muitos fãs que compartilhavam da interpretação de Cassandra ficaram revoltados e afirmaram ter deixado de ler “Harry Potter”.

O episódio acima ilustra o processo de construção e alargamento de sentidos a partir das produções de histórias realizadas por fãs de narrativas da cultura de massa que serão discutidos neste artigo. Percebe-se que muitas vezes o público fã pode ganhar uma relativa autonomia com relação à determinada narrativa, produzindo interpretações alternativas à história original.

Fanfictions e a estética da recepção

A ideia de que o leitor possui um papel ativo no processo de leitura ganha força após a década de sessenta, quando o conceito de leitor passa a ser amplamente discutido. A Estética da Recepção surge com Hans Robert Jauss na década de sessenta, visando integrar a literatura à história e considerar o leitor não apenas como um destinatário final, mas um componente intrínseco ao texto. A proposta de Jauss era que os estudos literários deveriam se renovar a partir “de uma teoria da história que desse conta do processo dinâmico de produção e recepção e da relação dinâmica entre autor, obra e público.” (JAUSS in LIMA, 1979, p. 48). Dessa forma, a construção de sentido realizada pelos leitores ocorre a partir do entrecruzamento entre o efeito, que diz respeito aos horizontes internos da obra, e a recepção, através do contexto histórico dos leitores.

Já a perspectiva de Iser parte da reflexão sobre a interação humana na qual a inexistência de uma compreensão total do outro promove uma necessidade constante de interpretação que “cobre os vazios contidos no espaço que se forma entre a afirmação de um e a réplica do outro”. (LIMA, 1979, p. 23). A relação entre leitor e texto também é caracterizada pela existência de vazios de sentido que são preenchidos pelas projeções do leitor. Entretanto, os textos apresentam como tentativa de controle as “negações” que são elementos textuais que situam o leitor em relação aos parâmetros do texto. Assim,

através dos vazios do texto e das negações nele contidas, a atividade de constituição decorrente da assimetria entre texto e leitor adquire uma estrutura determinada, que controla o processo de interação (ISER in LIMA, 1979: 91-92).

Em “Obra Aberta” (1969), Eco defende que a fruição de uma obra de arte é atravessada pelas mais diversas interpretações. Seria, portanto, o “receptor” que executaria as operações necessárias para a interpretação de uma obra que teria essa “abertura” como característica inata, na medida em que não comporta apenas uma interpretação. O seu sentido é o resultado de diversas interpretações e atualizações realizadas pelo destinatário. Essa ideia de abertura da obra não pode ser vista como a possibilidade de um abismo onde não existam limites para a interpretação. Nos trabalhos posteriores do autor como “Leitor in Fábula” (1988) e “Os limites da Interpretação” (1993) Eco busca refletir sobre o processo de interpretação a partir de conceitos como “autor modelo” (ECO, 1988, p. 92), “leitor modelo” (ECO, 1988, p. 72), “intentio auctoris” (ECO, 1993, p. 29), “intentio operis” (ECO, 1993, p. 75) e “intentio lectoris” (ECO, 1993, p. 75).

O “autor modelo” e o “leitor modelo” são estratégias discursivas que atuam cooperativamente no processo de interpretação. Sendo que o primeiro participa do processo através das intenções contidas no enunciado. A partir do seu referencial, o “autor modelo” constrói uma hipótese de como será o seu “leitor modelo”, de forma a deixar pistas de como se interpretar o texto que se está escrevendo. Portanto, o “leitor modelo” é uma categoria constituída pelo autor modelo através das inclusões e exclusões operadas a partir da eleição por determinada língua, pelas opções

lexicais, bem como pelo repertório cultural e intertextual que o texto exigirá. O entendimento de como as figuras do autor e do leitor agem colaborativamente para a construção de uma interpretação é dado por Eco através dos conceitos de *intentio auctoris* (intenção do autor) que seria não apenas os sentidos inseridos pelo autor, como também os sentidos que o autor não tinha a intenção de produzir; a *intetio operis* que seria a coerência interna do texto que limita a interpretação, ou pelo menos aponta para interpretações mais lúcidas acerca do texto e a *intentio lectoris* que seria a interpretação do leitor. Partindo do princípio que o preenchimento dos vazios de sentido e pistas deixadas pelo texto executado pelo leitor é limitado pela coerência textual, Eco distingue duas instâncias de relação que se constrói entre leitor e texto. A primeira seria a interpretação que, “sempre envolve uma dialética entre estratégia do autor e resposta do Leitor-Modelo” (ECO, 1988, p. 43) e a segunda seria o uso que consiste no ato de desconsiderar os parâmetros de interpretação presentes no texto, de forma a “superinterpretar”², ou seja utilizar a sua liberdade de leitura para ampliar o sentido.

²Noção retirada do conceito de superinterpretação discutido por Umberto Eco em “Interpretação e Superinterpretação”(1993).

Essa distinção entre “uso” e “interpretação” é bastante criticada por pragmatistas como Richard Rorty segundo o qual “tudo o que alguém faz com alguma coisa é usá-la.” (RORTY, 1997: 110). Ele também critica a ideia de coerência interna do texto, pois seria o leitor o elemento a formar essa coerência a partir do momento em que “liga os pontos”.

Sem entrar na discussão da existência de uma “verdade” absoluta do texto, a utilização dos termos “uso” ou “supertinterpretação” para definir a fuga às estratégias textuais de conformação de um determinado caminho interpretativo ou apenas “interpretação” à aproximação de um leitor-modelo que segue as pistas deixadas no texto pelo autor não explica, necessariamente, os caminhos de apreensão realizados pelos leitores e escritores de *fanfictions*. Mesmo os *ficwriters*³ que escrevem visando o preenchimento de vazios de sentido (o que seria interpretação para Umberto Eco) estão modificando e ampliando o sentido total da obra dentro do *fandom* e fazendo o uso daquela obra a fim de atender a demandas culturais, psicológicas ou afetivas em relação à obra, aos personagens ou ao próprio ato de escrever. Esse argumento pode ser referendado ao estabelecermos que a distinção proposta por Eco entre “uso” e “interpretação” diz respeito ao processo de leitura e não de produção de novos textos, como é o caso da prática de escrever *fanfictions*. Entretanto, pode-se considerar neste cenário que a *fanfiction* também pode ser entendida como uma marca da interpretação feita anteriormente no momento da leitura. Além disso, independente do leitor escrever uma *fanfic*, ele irá apresentar as suas escolhas interpretativas nas suas interações interpessoais, nos fóruns sobre a obra referencial e nas suas leituras posteriores que se relacionam com esta obra, modificando, dessa forma, o sentido. Há também um processo de “uso” na medida em que a obra é um elemento motivador de aproximação entre as pessoas, interações, constituição de grupos, fóruns de discussão e encontros. Assim, independente de haver uma interpretação mais condizente com as estratégias textuais, o sentido global de uma obra é modificado a partir de diversos caminhos de leitura, inclusive o que Eco conceitua como “superinterpretação” (ECO, 1993, p. 53).

³Termo utilizado para designar autores de *fanfictions*. Há também o termo em português fanfiquero que não é utilizado aqui por entender que ele classifica hierarquicamente as posições de autor da obra canônica e autor da histórias derivadas.

Ficwriters: de leitores à escritores

De acordo com Jenkins (2000), a relação dos fãs com suas narrativas favoritas é de fascínio e frustração. Ao mesmo tempo em que estes textos os atraem por oferecer temas e padrões de identificação para os fãs, eles os frustam por nunca está totalmente de acordo com os desejos e necessidades do público. Assim, algumas *fanfictions* podem “refletir o desencanto crescente com construções convencionais de gênero e sexualidade enquanto outras podem ser altamente reacionárias preservando o *status quo* em face da mudança potencial”⁴. (JENKINS, 2000, Blog do Autor). O autor utiliza a expressão “caçadores de textos” de Michel

⁴Tradução livre para “reflect growing disenchantment with conventional constructions of gender and sexuality; others may be highly reactionary, preserving the status quo in the face of potential change”. Disponível em: <http://web.mit.edu/cms/People/henry3/vampkiss.html>

de Certeau (1994) para entender a dinâmica produtiva que o “receptor” exerce no ato de ler textos na medida em que uma “leitura plural” possibilita ao texto tornar-se uma “arma cultural, uma reserva de caça” (CERTEAU, 1994: 267).

No caso dos *fandoms* analisados, identificou-se que os autores operaram mudanças em situações que não lhes agradaram, mas em geral essas mudanças foram no sentido de promover um final feliz para os seus personagens favoritos. No *fandom* de Crepúsculo, também foi percebido uma intensificação dos modelos tradicionais de gênero. O ponto que demonstrou possuir um maior distanciamento dos padrões convencionais foi o grande sucesso das *fanfics slash* no *fandom* de Harry Potter que são narrativas homoafetivas predominantemente escritas e lidas por mulheres.

Através das construções de *fanfics*, percebe-se que os fãs seguem vários caminhos de apropriação e estes são amplamente discutidos em fóruns e comunidades da internet. Diante do entrecruzamento de tantos interesses e afetos que compõe os caminhos interpretativos das *fanfics* (o mercado, a história canônica, a faixa etária dos fãs, as regras e critérios de popularidade nos *fandoms* e o interesse pessoal), Pugh observa que,

Nem sempre é claro se escritores de fanfic gravitam naturalmente em direção a *fandoms* que facilitem o seu tipo preferido de escrita ou se eles os escolhem por outros motivos (como um personagem fascinante, ou belo ator) e depois ignoram as partes do seu cânone que não os interessam para se concentrar naquelas que os interessam⁵ (PUGH, 2005: 36-37).

⁵Tradução livre para: “It isn’t always clear whether fanfic writers gravitate naturally towards *fandoms* which facilitate their preferred kind of writing or whether they choose them for other reasons (like a fascinating character or handsome actor) and then ignore the parts of their canon that do not interest them to concentrate on those that do”. (PUGH, 2005, p. 36-37).

A dinâmica e o papel do fã na contemporaneidade

Até a década de 70, não havia um interesse acadêmico efetivo em pesquisar sobre fãs, que carregava um estigma negativo devido ao seu envolvimento com produtos culturais e simbólicos ligados à indústria cultural.

Assim, a percepção que se tinha nos estudos sobre os fãs de produtos oriundos da cultura de massa era de que esses indivíduos eram destituídos de uma racionalidade e criticidade em sua relação com o objeto de culto. Esse panorama vai se modificando com diversas contribuições de estudos, tais como os apresentados acima, mas principalmente com as discussões que Henry Jenkins empreende em seu livro “Textual Poachers” (1992) no qual faz um detalhado estudo sobre os *fandoms* e trabalha a ideia do fã como um produtor de novos sentidos sobre o objeto de culto. John Fiske (1992) também é um autor importante neste contexto da modificação da noção dos fãs de alienados para intensos produtores de sentido. Para ele, o estereótipo dos fãs como sujeitos acrílicos pode ser justificado pelo fato dos *fandoms* serem tradicionalmente associados a produtos culturais considerados inferiores e com amplo apelo popular, gostos de formações subordinadas do povo, especialmente com aqueles sem poder, por qualquer combinação de sexo, idade, classe e raça” . (FISKE, 1992: 30).

É interessante observar que essas combinações discriminatórias são muito bem demarcadas no senso comum. Portanto, o fã de ficção científica como “Guerra nas Estrelas” seria para alguns grupos, mais esclarecido e menos manipulável do que o fã da Saga Crepúsculo que é um romance e, portanto, identificado de forma mais efetiva com o gênero feminino. Ou ainda, segundo esta lógica, adotar o estilo de se vestir de uma banda de rock demonstraria um comportamento mais autêntico e crítico do que utilizar roupas da personagem principal da novela.

Assim como Fiske, Henry Jenkins (1992) também compreende os fãs como uma categoria exemplar na recepção e construção de novos sentidos do seu objeto de culto. Ele apresenta alguns aspectos que diferenciam o *fandom* de outras práticas de consumo cultural baseando-se em pelo menos quatro níveis de distinção (JENKINS, 1992: 209-213):

1) Modo de recepção – os fãs não apenas interpretam os textos, mas os utilizam em outros tipos de atividades sociais e culturais. As *fanfics* entram neste aspecto da relação entre os fãs com a obra na medida em que há uma busca por estender a experiência tanto através de produções derivadas, como também pela interação com outros fãs nas quais eles podem discutir diversos aspectos da obra. Isso pode ser verificado no exemplo abaixo:

Enquanto a série de Harry Potter ainda estava em andamento eu escrevia para preencher o espaço de tempo entre um lançamento e outro, para tentar responder as perguntas deixadas pela autora e, o que na minha opinião é o principal, para fazer acontecer o que eu gostaria que acontecesse nos livros. Enquanto você está lendo algo com o que se identifica, tem vontade de falar a respeito disso, discutir os pormenores, e não há melhor maneira de fazer isso do que com outras pessoas que se sentem da mesma maneira. O fandom permite isso, reunindo pessoas de todos os cantos do país (ou mesmo do mundo, se você souber outras línguas) com os mesmos interesses.

Amy Lupin – Entrevista por e-mail em 29/11/2012

2) *Fandom* constitui uma comunidade interpretativa – a importância das diferentes interpretações que os fãs fazem do seu objeto de culto está na força que elas adquirem nos grupos através de reuniões, fóruns, redes sociais, fanzines e blogs, onde ocorre uma constante negociação desses sentidos. Nos grupos pesquisados durante este trabalho, foram percebidas diversas resignificações provenientes das novas interpretações realizadas por um conjunto de *fanfictions*, bem como das discussões realizadas nos seus comentários ou mesmo em outros ambientes de interação entre leitores e autores.

mas eu acho q d tanto ler snape (e todos os pares possiveis) eu acabei criando um snape mais compreensivo.. sabe de tudo o q ele sofreu as vezes eu acho que ele simplesmente não se surpreende e nem julga...

Saphira Comentário em 3/19/06 - chapter 26

3) Produção artística dos fãs – os fãs não apenas produzem novas histórias, filmes, desenhos e músicas, como também passam a constituir pequenas associações onde vendem camisetas, desenhos ou mesmo criam formas de conseguir doação ou publicidade em sites e blogs. Nos grupos de autores e leitores analisados, os fãs criavam capas, vídeos e poemas para as *fanfics*. Não foi identificada nenhuma forma de comércio de materiais confeccionados por fãs nos sites de *fanfictions* analisados, mas ambos possuem anúncios publicitários. Abaixo um exemplo desta dinâmica criativa dos fãs:

Oieee Lunah, bom..só gostaria de dizer que essa é a MELHOR fic Beward que já li na vida! Eu estou fazendo um poeminha baseado na Bella da 1ª fase ;DD ... Quando eu terminar eu posto nos reviews do próximo capítulo! Mil beijos e boa semana!

Francielli - Comentário em 08/06/2009, 3ª Fase: Capítulo 3.

4) Constroem comunidades – O colapso das formas comunitárias tradicionais na modernidade não destituiu a necessidade dos indivíduos em integrar grupos onde desenvolvem laços e constituem suas identidades a partir do grupo. Identificou-se nos grupos de leitores e autores um grande contentamento em partilhar suas narrativas favoritas, interagindo não apenas a respeito do *fandom*, mas intensificando relações de amizade. Isso ocorre não apenas no âmbito online, mas também nas interações offline conforme vemos a seguir:

Eu e minhas amigas estamos loucas pra ler mais, ficamos loucas lendo essa fic. Gritamos freneticamente e rimos juntas nos deliciando com a leitura indispensável...

Foi incrível como todas nós nos apaixonamos pela fic...começou uma lendo depois eu e agora todo nosso gupo esta lendo e enlouquecendo.

keila Beatriz – Comentário em 12/08/2009, 4ª Fase: Capítulo 3.

Lawrence Grossberg (1992) apresenta os fãs como um reflexo do consumo e como uma categoria ativa na produção de sentidos e nos usos e diálogos com sua própria experiência e contexto social. Apesar disso, ele entende que o fato dos fãs participarem ativamente não significa que haja uma possibilidade do consumo ser capaz de reverter as condições de subordinação desse público. Dessa forma, pode-se entender o consumo cultural como um elemento utilizado na constituição da identidade do indivíduo, bem como um fenômeno não apenas diferenciador, mas também agregador que pode ser utilizado como local de luta simbólica. Entretanto, não se pode esquecer que o consumo cultural está inserido em uma lógica de mercado que articula produção, consumo, realização e reprodução. Sendo a produção “predominante porque é o ‘ponto de partida para a realização’ da mensagem.” (HALL, 1980 *apud* ECOSTEGUY, 1999: 67) e a instância de promoção de uma leitura “preferencial” que seria “o exercício do poder na tentativa de hegemonizar a leitura da audiência” (Hall, 2003: 366). Portanto, nos estudos de fãs é essencial levar em consideração não apenas o momento da recepção (incluindo-se aí as práticas produtivas dos fãs), mas o próprio movimento operado pelas indústrias do entretenimento não apenas em relação às estratégias de promoção de um sentido “preferencial” para determinado produto cultural, como também os dispositivos que estimulam a participação do consumidor como estratégias de marketing e pesquisas de mercado.

Aspectos analíticos: construindo universos alternativos

O processo de escrever e acompanhar uma *fanfic* pode durar meses e até anos. Durante esse tempo, não são poucas as histórias que são abandonadas pelos autores. Por conta disso, há dois tipos de leitores de *fanfictions*: as que preferem ler apenas histórias concluídas e as que gostam de participar do processo de construção da *fanfic* através dos comentários com sugestões e incentivos a autora. Assim, acompanhar uma *fanfic* em andamento significa não apenas um voto de confiança à autora de que a história será concluída, como também a opção por um processo mais interativo na leitura e construção das histórias. Em muitos comentários, as leitoras afirmam ter feito amizades pela internet devido à leitura e comentário destas narrativas. Durante a análise de comentários e entrevistas, houve muitas evidências de que uma das principais motivações para ler e escrever *fanfics* seria a interação entre autoras e leitoras e a possibilidade de construir e fortalecer amizades.

A possibilidade de prolongar a fruição daquele universo, experienciar mais elementos que não foram abordados pela história original e ler ou criar caminhos alternativos de interpretação também são motivações bastante aparentes. Isso pode ser observado nos trechos abaixo:

Nah, você me entede sim, porque Green Eyes tem todas as personagens do jeito que eu sempre quis e a J.K. nunca fez! (...)

Patty Potter – comentário em 1/28/06, capítulo 22

Neste comentário, percebe-se que existe uma motivação em aproximar o universo ficcional e os personagens das preferências pessoais do público. Assim, embora a obra de J.K. tenha sido o elemento que uniu aquelas pessoas em torno do seu universo ficcional e personagens, ao compartilharem novas possibilidades interpretativas em histórias derivadas, outras maneiras de olhar determinadas situações ou personagens podem ser privilegiadas e socialmente aceitas pelo

grupo. A viagem através dessas possibilidades estimula não apenas a imaginação dos autores, mas também dos leitores que encontram nos comentários para as escritoras uma forma de participar mais ativamente dando a sua opinião, elogiando, mandando sugestões e críticas. Em grande parte dos comentários as pessoas citam as passagens que mais gostaram, comentam os aspectos da história que consideram mais interessantes, levantam questões, se identificam com o personagem, dizem o que fariam ou sentiriam se estivessem no lugar deles, tecem críticas e sugestões para a história.

Para entender um pouco mais sobre essa dinâmica de resignificação e produção de sentido operada através da leitura e criação de *fanfictions* é necessário apresentar as especificidades dos livros de Harry Potter e Crepúsculo que contribuem para algumas diferenças entre a forma com que cada *fandom* lida com a produção de novas narrativas e as diferentes interpretações que circulam.

A história de Harry Potter está dividida em sete livros, publicados no Brasil entre os anos de 2000 a 2007 e oito filmes lançados no período de 2001 a 2011. As primeiras *fanfics* em português começaram a ser postadas por volta de 2002 e até hoje são publicadas em diversos sites, com menor intensidade. A narrativa se passa basicamente em uma escola e os personagens principais são Harry Potter e, em seguida, os seus melhores amigos Rony Weasley e Hermione Granger. Apesar da centralidade desses três personagens, como a história é passada em uma escola, há muitos personagens secundários, colegas de classe e desafetos. Há também um relativo destaque ao corpo docente e ao vilão da história Lord Voldemort. Em geral, essas narrativas envolvem romance, drama e humor. Assim, muitas *fanfics* abordam as histórias paralelas dos personagens secundários, em especial, os desafetos de Harry Potter: Draco Malfoy e Severo Snape e Gina Weasley, namorada de Harry Potter. Essa tendência pode ser confirmada no comentário abaixo.

Comecei lendo porque estava na crise de abstinência entre o quinto e o sexto livro do Harry Potter. (...) Depois disso, comecei a me concentrar mais nos personagens que não apareciam tanto nos livros, então a fic ficava mais crível, já que nós não sabemos o que todo mundo está fazendo quando eles não estão interagindo com o Harry. Quem me garante que já não houve alguma atraçãozinha proibida entre a caçula Weasley e o Malfoy, né? Depois, eu comecei a querer inventar uma estória com eles, mas sem magia, porque tenho talento zero pra escrever aventuras com magias e todo aquele mundo fantástico da JK. Aí escrevi um romance entre esses dois personagens (porque adoro esse problema de amor proibido).

Fabiana Oliveira – entrevista pelo Skype em 27/11/2012

De acordo com a entrevistada, a primeira motivação para a leitura de *fanfics* foi prolongar a experiência com o universo ficcional enquanto esperava pelos livros posteriores. Com o passar do tempo, o interesse dela foi mudando para os personagens secundários da história que poderiam render boas histórias, sem que estas apresentassem mudanças drásticas em relação à história original, assim, “a fic ficava mais crível, já que nós não sabemos o que todo mundo está fazendo quando eles não estão interagindo com o Harry”. Percebe-se então a primeira negociação que as autoras e leitoras de *fanfictions* de Harry Potter precisavam fazer para a aceitação das histórias derivadas dentro daquele universo ficcional: trabalhar com personagens secundários de forma que as histórias não ficassem incompatíveis com a obra referente. Além disso, ao dizer que escreveu um romance sobre amor proibido entre dois personagens secundários (Draco Malfoy e Gina Weasley) porque adora o tema, ocorre a criação de histórias com temas alheios aos abordados na história original e mais relacionados com a própria satisfação da leitora em criar histórias com temas de sua preferência, inclusive usando como base outras narrativas, como por exemplo, Romeu e Julieta para amor proibido. Outro fator a ser considerado é que a história criada por esta autora não tem magia

já que ela admite não conseguir escrever de acordo com o universo mágico de J.K. Assim, a autora que inicialmente lia para esperar pelos livros originais e buscava histórias sobre personagens secundários, de forma a ficar mais crível já que essas histórias não competiam com os principais elementos criados pela autora do original, escreveu uma história com universo alternativo. Assim, se antes ela buscava fidelidade ao livro, ao escrever a sua *fanfic*, ela utilizou os personagens do livro, sem ser fiel ao universo ficcional (que no caso de Harry Potter seria o universo mágico), modificando diversos aspectos da história original. Aos poucos, essas pequenas apropriações vão alargando o sentido da obra.

Observou-se também que no *fandom* de Harry Potter, as negociações de sentido e as diferentes apropriações efetuadas pelos fãs em relação às histórias originais, promovem ressignificações na obra. Durante as entrevistas aos integrantes deste *fandom*, foi quase unânime a admissão de que a maneira de interpretar a história original de Harry Potter mudou após a leitura das *fanfictions*. Também foram identificados comentários que convergiam para a mesma visão sobre o assunto.

Primeiramente eu quero te parabéns porque você conseguiu quebrar um voto que eu tinha feito de não ler mais fanfics na minha vida até o livro sete de Harry Potter ter sido lançado e eu ter lido, pois eu decidi que *fanfic* atrapalha bastante nas características dos personagens e de certa forma influencia na nossa leitura na história original. Mas eu não consegui deixar de ler essa *fic* depois que vi a quantidade de reviews que ela tinha. Pensei, no mínimo, deve ser boa. (...)

Jamerson Izaque Widller – comentário em 4/26/06, capítulo 27

No fragmento apresentado há a ideia de que as *fanfictions* interferem na interpretação da obra e há uma ideia de pureza, da melhor interpretação sem influências externas. Assim, apesar de ter ciência da influência das *fanfictions* na produção de sentido da obra original, o leitor abre concessões para histórias de sucesso que possuem muitos comentários e que “no mínimo devem ser boas”. Com isso, o prazer de ler boas histórias acaba minando a intenção de fruir a obra de referência sem a interferência de outras narrativas.

A Saga Crepúsculo possui uma trajetória de publicações mais curta que Harry Potter. Ela é composta por quatro livros, lançados no Brasil nos anos de 2008 e 2009 e cinco filmes que estrearam entre os anos de 2008 e 2012. As *fanfics* em português começaram a ser publicadas no ano de 2008 e a produção de histórias ainda é bastante intensa. Os livros abordam o triângulo amoroso entre o vampiro Edward Cullen, a humana Bella Swan e o lobisomem Jacob Black. Como pano de fundo, há o clã dos vampiros, o clã dos lobisomens e os perigos que Bella Swan é submetida como consequência do seu amor por Edward Cullen.

Neste *fandom*, a maior parte das leitoras gosta de histórias com realidades alternativas, em que não há vampiros, e não possuem grandes restrições a modificações em relação ao cânone.

Para mim a única regra da *fanfiction* que, aliás, se não acontecesse não seria classificado assim, é manter os nomes originais. De resto, defendo o total “universo alternativo”, como costumamos chamar as histórias que exploram vertentes totalmente diferentes da original, como um mundo humano, personagens mais velhos, outras profissões e desejos.

Natália Marques – Entrevista pelo chat do Facebook em 28/11/2012

No trecho da entrevista, a autora aponta não ter limites para a imaginação na hora de criar uma *fanfiction*, exceto o nome dos personagens. Ela defende a experimentação de novas histórias, sem ter nenhum tipo de relação com a história original, salvo os nomes. Essa abertura para histórias que apresentam universos

totalmente diferentes do original percebida no *fandom* da Saga Crepúsculo não é indicação de que os fãs de crepúsculo são menos cuidadosos com a história original, mas sim, que outros elementos da história original são priorizados, como o amor entre Edward e Bella, como pode-se perceber no fragmento de entrevista abaixo.

Bem como disse as fics não precisam ser fieis aos livros, mas tem sempre que seguir um padrão. Ou seja, Bella sempre vai ser par de Edward e traição eu não gosto... se o enredo for bom pode ser tolerável, mas a maioria das leitoras não gostam de ler coisas nesse seguimento: Traição

Em minha fic OC Edward tenta trair a Bella mas não consegue e so por isso eu quase fui linchada o.O

Erika Patty Cullen – Entrevista por chat do Facebook em 26/11/2012

Neste caso, fica claro que o elemento primordial que deve ser respeitado nos processos de negociação do sentido não é o grau de verossimilhança com os aspectos da história original, mas o romance entre Edward e Bella. Esse, portanto, é o padrão que deve ser seguido pelas autoras na constituição das suas *fanfictions*. Além disso, pelo fato dela não ter tido coragem de colocar uma traição efetiva na sua história e só por ter abordado o tema ter sido duramente criticada, pode-se considerar a traição como um tabu para este grupo. Das histórias escolhidas para a análise dos comentários que são as mais comentadas nos dois sites, não houve sequer algo próximo a traição. Durante a observação efetuada antes da escolha das histórias e coleta de dados, também não foram encontradas histórias que continham o tema.

No que diz respeito a influencia das *fanfics* na produção de sentido da história original, algumas leitoras consideram que as *fanfictions* não mudaram a sua forma de ver o original e outras entendem que ler essas histórias alternativas mudam, ao menos em alguns aspectos, a compreensão sobre a obra de referência. Os comentários sobre as histórias também seguiram essa tendência de equilíbrio entre considerar as *fanfics* como parte do repertório interpretativo de Crepúsculo ou como instâncias que não se influenciam mutuamente. Algumas pessoas relacionavam aspectos da história original com os das *fanfics*, comparando-os e promovendo ressignificações, mas outros comentários demonstravam considerar as *fanfictions* e a história original com total independência. A seguir, apresentamos alguns dados que ilustram essa dinâmica.

Eu sempre diferenciei muito fanfictions dos livros. E mesmo lendo com os mesmos nomes, às vezes com as mesmas características físicas e personalidade, não há como confundir uma história com a outra. É como se a Saga Crepúsculo permanecesse em uma redoma protegida de qualquer interferência.

Natália Marques – Entrevista pelo chat do Facebook em 28/11/2012

estou relendo essa fic pq a amo. dps dela n coseguigo mais ver Edward e bella como de crepusculo sempre q lembro deles é como bella problema x edward solução.

MonaTeles – comentário em 18/01/2011, 2ª Fase: Capítulo 4.

Nos dados acima, escolhemos colocar um fragmento de entrevista e um de comentário para ilustrar as duas posições dos fãs de Crepúsculo sobre o alargamento de sentido produzido pelas *fanfictions*. Na entrevista, a leitora separa de forma clara as histórias originais das derivadas. Para ela, não há nenhum tipo de interferência. Há aqui novamente uma ideia de pureza da narrativa. Nesse sentido, os universos alternativos ou modificações dos personagens não modificam o olhar da leitora de *fanfictions* para a obra referente, ocorre, no máximo, o aprofundamento de alguns aspectos, que já existiam na narrativa,

mas estes não são considerados como uma influência na interpretação da obra. Considera-se relevante salientar que esta entrevistada escreveu uma *fanfic* de muito sucesso no *fandom* de Crepúsculo e conseguiu publicar um livro com a sua história, modificando os nomes dos personagens. Já no fragmento retirado do comentário de uma *fanfiction*, a leitora assume ter havido um processo de resignificação em relação aos personagens principais. Assim, alguns elementos que foram modificados pela *fanfic*, ganharam força no processo de produção de sentido e se sobrepuseram a determinados elementos da história original.

Ao analisar as entrevistas e os comentários dos fãs de Harry Potter e da Saga Crepúsculo, perceberam-se diferenças que se relacionam ao fato de que, enquanto em Harry Potter a tentativa de criar personagens verossímeis em relação à história original é quase unânime, em Crepúsculo as modificações nos personagens são mais bem aceitas. Por outro lado, as leitoras de Harry Potter admitiram que a interpretação do cânone sofre mudanças a partir da leitura de *fanfics*. Já as leitoras de *fanfictions* da Saga Crepúsculo, se dividiram em relação ao processo de interferência que essa prática causaria na produção de sentido do original.

Alguns fatores podem ter contribuído para que essas diferenças básicas tenham ocorrido. Em primeiro lugar, o período entre o início da prática de escrever *fanfics* e o lançamento do último livro com o desfecho da história original é muito maior em Harry Potter do que em Crepúsculo. Dessa forma, as fãs de Harry Potter começaram a escrever *fanfics* em 2002, quando já haviam sido lançados quatro livros. Assim, até o sétimo livro, foram cinco anos em que as fãs brasileiras escreveram ostensivamente as suas versões com as soluções dos mistérios postos pela autora, como se desenrolaria a guerra, histórias sobre o passado, o futuro dos personagens e narrativas com universos alternativos. Além disso, o interesse por personagens secundários aumentou de forma significativa na medida em que as *ficwriters* acrescentavam histórias, sentimentos e novas facetas a estes personagens que foram gestados, juntamente com o original, durante cinco anos. Retirar o foco do personagem de Harry Potter para personagens secundários possibilitou uma maior liberdade nas suas caracterizações, sem correr o risco de que estes ficassem descaracterizados em relação aos livros, dando novas possibilidades interpretativas aos mesmos. Como o foco de Harry Potter não era a história de amor, o gênero predominante nas *fanfics*, houve uma maior liberdade para que muitas narrativas abordassem este tema, modificando os casais originais, acrescentando também histórias envolvendo homossexualidade.

Já os dois primeiros livros da Saga Crepúsculo foram lançados no Brasil em 2008 e os dois últimos livros foram lançados em 2009. Com isso, as fãs tiveram pouco tempo para criar suas próprias versões da história original. Houve algumas *fanfics* com sequências para o segundo livro e, principalmente, continuações para o último livro. Mas o que preponderaram foram as histórias de universos alternativos já que o desfecho do último livro original já havia sido publicado. Assim, não houve tempo para que as *fanfics* influenciassem de forma mais efetiva na interpretação da obra original, pois esta havia sido finalizada e a maioria das histórias abordava universos alternativos, que pouco tinha a ver com a Saga Crepúsculo além do amor entre Edward e Bella. Mesmo havendo histórias abordando personagens secundários, não havia interesse em abordá-los já que, como a maior parte das histórias é de universos alternativos, o *fandom* aceita mudanças na personalidade dos protagonistas e cada autora poderia criar a sua Bella e o seu Edward sem maiores problemas.

Apesar dessas pequenas diferenças do *fandom* de Harry Potter e de Crepúsculo sobre as negociações estabelecidas em relação as mudanças nos personagens e no universo ficcional efetuadas pelas *fanfics*, percebe-se que nos dois *fandoms*, há um processo de identificação com os personagens das *fanfictions*. Essa afetividade e processo de identificação da fã com os personagens da história original são intensificados na medida em que as autoras constituem os personagens das suas *fanfics* de forma mais

próxima à sua cultura e aos gostos dos seus leitores. Estas, por sua vez, comentam as histórias e sinalizam os aspectos que não se encaixam bem nas suas demandas.

Diante dessa relação de afeto e identificação que as leitoras direcionam aos seus personagens preferidos, percebeu-se também que as autoras escrevem histórias com finais ou universos alternativos produzindo o desenlace tradicional da narrativa romanesca: final feliz, perdão cristão e salvação pelo amor. Em seus comentários, este público também sinaliza a preferência pelos finais convencionais, conforme pode ser verificado no trecho seguinte.

Eu mudaria o fato do Snape ter morrido e realmente faria algo semelhante ao que fiz em So O Amor Salva (onde a Lily foi uma grande amiga dele, mas ele não foi apaixonado por ela, mas sim teve um amor de infância com a qual ele formou família - depois de muitas pedras no caminho - e terminou feliz e VIVO). Eu não mataria a Tonks e o Lupin. E, de repente pensaria no casal Harry/Draco (rsrsrs, juuura, ate parece que iam me permitir publicar o menino-que-sobreviveu como gay, o povo não está preparado pra isso).

Michele Lempek – Entrevista por chat do Facebook em 26/11/2012

Ao apresentar quais as mudanças que deseja na história original, a entrevistada tendeu a querer modificar alguns finais trágicos para finais felizes. Assim, mesmo ocorrendo uma guerra no final do livro, ela aparentemente não mataria nenhum personagem importante na história e, principalmente, não mataria o personagem de Severo Snape, do qual ela se declarou fã em um outro momento da entrevista. A solução que ela utiliza em sua *fanfic* para dar um final feliz a Snape, que é um personagem solitário e amargo na história original, é ter um amor de infância, passar por provações e terminar a história vivo, feliz e ao lado da mulher que ama. Nesse sentido, o nome da sua *fanfic* é emblemático na análise da mensagem que a autora quer transmitir em sua história: “Só o amor Salva”. Outro elemento que a autora mudaria em Harry Potter seria colocar Draco e Harry como um casal. Nesse ponto ela admite que não poderia mudar pois “o povo não está preparado para isso”. Ao se referir ao “povo”, a autora se coloca como diferente do senso comum. Assim, ela estaria preparada para narrativas com conteúdo homossexual ao contrário do “povo” (os outros), que, apesar de “ainda não estarem preparados para isso”, teriam o poder de permitir ou não a publicação de qualquer conteúdo.

Diante destes dados, entende-se que nas *fanfictions*, assim como nos folhetins, o final feliz é um elemento quase obrigatório. Além disso, muitas coisas que são modificadas da história original são justamente os conflitos ou os elementos trágicos.

A aura dos personagens

Além da importância da reciprocidade na formação dos grupos e das dinâmicas de elogios e críticas que auxiliariam a autora a entender as demandas do seu público, durante a análise dos comentários e entrevistas identificou-se que as leitoras possuem uma forte relação com os personagens das histórias. Elas estão sempre comparando com o original e negociando o que pode ser modificado ou não pelas *fanfictions*. Também há um amplo processo de projeção e identificação que faz com que as escolhas efetuadas pela autora para os personagens, sejam essenciais no sucesso da história.

Bem, eu adoro o fato de você colocar os personagens na fic e ainda servir nos devidos papéis. Adoro mesmo. O universo Potteriano não funciona sem os personagens!

Paula Lirio – comentário em 1/2/06, capítulo 5

Bella sempre sera a Bella né? nao sabendo levar a situação e o ED sempre o ED se culpando por coisas q nao nescesitam desculpas kkkkk

vepattinson – comentário em 25/11/2011, capítulo 25

Nos dois comentários acima, assim como nas entrevistas, é possível identificar que há uma comparação entre a caracterização dos/as personagens na história original e na *fanfiction*. As leitoras buscam enxergar nas *fanfics* os principais elementos que identificam os personagens. Frases como “o universo potteriano não funciona sem os personagens” e “Bella sempre será Bella ... e Ed sempre será Ed” acabam por situar a autora no repertório de coisas que os personagens podem ser e fazer, de acordo com o original. Apesar disso ser percebido nos dois *fandoms*, há uma maior valorização e cobrança pela manutenção da personalidade dos personagens no *fandom* de Harry Potter do que entre os fãs de Crepúsculo. Como os critérios de aceitação e rejeição dos personagens nos dois *fandoms* foram diferentes, eles serão analisados separadamente. Abaixo, serão apresentados trechos de comentários e entrevistas com as fãs de Harry Potter, de modo a demonstrar as negociações em torno das ressignificações e alargamento dos sentidos.

Acho interessante transformar o Harry num cara mais "cool" ou até mais "nerd", mas não acho válido transformá-lo num serial killer. Não acho legal mudar para extremos, a essência do personagem deve ser mantida, afinal, por que mais você estaria usando o personagem X se você quer transformá-lo em Y?

Carol Lair – Entrevista por chat do Facebook em 23/11/2012

O comentário acima ilustra a visão que as fãs desta obra costumam ter sobre os personagens. Percebe-se uma espécie de culto ao verdadeiro. Dessa forma, o personagem seria dotado de essência própria, uma “aura” que o caracteriza e que impede que ele possa ser concebido de outra maneira. Caso uma autora mude radicalmente a constituição do personagem, ele perderia a aura, a sua essência e se transformaria em outro. É interessante notar que o medo da perda da aura diante da implementação de técnicas de reprodução, discutido por Walter Benjamin no texto “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” (1985), no qual a perda da aura seria compensada pela possibilidade de maior democratização da obra de arte, também acontece, em certo sentido, entre os fãs de Harry Potter. Porém, para os fãs, a discussão não é sobre criar histórias mais democráticas com personagens que poderiam representar determinadas minorias. Ao contrário, diante da profusão de histórias derivadas que são criadas, as fãs tentam controlar os sentidos que regem os seus personagens preferidos de forma que a magia e a aura que neles habitam não sejam perdidas. Dessa forma, eles não se transformariam em personagens comuns, facilmente descartáveis pelos personagens do próximo *best seller*.

Apesar da resistência às mudanças drásticas na caracterização dos personagens, as fãs admitem que a maneira de interpretá-los na história original de Harry Potter mudou com a leitura de *fanfics*, conforme exemplificado no trecho seguinte.

Acho que no Harry Potter o exemplo maior é o Malfoy. No livro ele é um guri chato, filhinho do papai, covarde... nas fics, você já deve ter percebido. O povo o descreve culto, sexy pra caramba, corajoso, espião pela ordem mentindo na cara do Voldemort, sendo torturado sem falar nada. Nas fics ele é o máximo... já na estória...

Os personagens que eu vejo que quase não mudam são os principais porque eles aparecem tanto no livro que não dá pra ter tanta liberdade nas fics sem ser acusada de estar escrevendo o personagem OCC⁷.

(...) Essas meninas maníacas por Draco malfoy, com certeza não é pelo do livro. Todas devem ler fics. Elas gostam do malfoy das fics. Já do harry, elas gostam

⁷Forma abreviada de *Out of Character* ou fora do personagem.

do livro mesmo. Ou seja: fãs de Harry são fãs do personagem da Rowling. Fãs do Malfoy NÃO são apaixonadas pelo Malfoy da Rowling, mas sim da construção do fanfiction.net.

Fabiana Oliveira – Entrevista por Skype em 27/11/2012

No trecho acima, a leitora analisa as mudanças na interpretação de alguns personagens a partir da leitura de *fanfics*. A entrevistada esclarece que as mudanças na interpretação dos personagens ocorreriam apenas com os personagens secundários, pois não haveria “tanta liberdade nas fics sem ser acusada” de escrever personagens descaracterizados. A palavra “acusada” utilizada pela entrevistada, mais uma vez demonstra o patrulhamento que as autoras sofrem para adequar seus personagens aos do livro. Por isso, a forma de efetuar mudanças é utilizar os personagens secundários que não possuem uma composição muito bem trabalhada no original.

Assim, as *fanfics* não parecem acrescentar tantos elementos à interpretação do personagem Harry Potter, pois elas não podem trazer muitos fatores novos à sua caracterização. Já o personagem Draco Malfoy é considerado como uma “construção do fanfiction.net”. Com isso, apreende-se que há uma transformação deste personagem em herói a partir das diversas *fanfics* que o abordaram desta forma, modificando os sentidos constituídos em torno deste personagem.

Se as fãs de Harry Potter não aceitam modificações radicais na caracterização dos personagens principais, as análises dos comentários e entrevistas dos fãs da “Saga Crepúsculo” apresentam outro cenário em relação à construção dos personagens nas *fanfics*. Há uma maior liberdade para mudanças na composição dos personagens em relação à obra original.

Bem quando eu leio uma fanfic eu gosto da mudança de personalidades por exemplo gosto que a Bella seja um pouco mais vaidosa, que goste de ser mimada e goste de ganhar presentes gosto do Edward mais mandão e possessivo gosto dele mais selvagem ...entendeu?

Quando leio uma fic que Bella vem com aquelas frescuras de não aceito este presente não quero que vc gaste dinheiro comigo isso e balela. Qual mulher que não gosta de receber presentes do seu amado? não conheço nenhuma.

Angela – Entrevista por MSN em 26/11/2012

Neste trecho da entrevista de uma fã da Saga Crepúsculo, pode-se verificar que não existe um patrulhamento em relação a fidelidade dos personagens das *fanfics* aos livros. As leitoras dão liberdade para que as autoras construam as personagens da história e os termos de comparação não são exatamente se a personagem da *fanfic* maculou a essência da personagem do livro, mas quais foram as mudanças ocorridas. Outro termo de comparação é se as novas características do personagem da *fanfiction* agradaram e até mesmo superaram as características da personagem original. Algumas mudanças na personalidade dos personagens são apreciadas pelas leitoras, principalmente no que respeita aos papéis femininos e masculinos. Percebe-se, portanto, que há uma busca nas *fanfics* por modificações de características presentes no livro que desagradaram às leitoras. Há aqui uma demanda para que as *fanfics* reproduzam os papéis tradicionais de gênero. Nesse sentido, outro ponto a ser destacado é o trecho em que a entrevistada diz: “(...) isso é balela. Qual mulher que não gosta de receber presentes do seu amado? não conheço nenhuma”. Nesta fala, a leitora considera inverossímil o fato de uma mulher não gostar de receber presentes “do seu amado” e, portanto, não aceita que uma *fanfic* coloque esse tipo de posicionamento na personagem. Assim, na medida em que a leitora não conhece nenhuma mulher que não goste de ganhar presente, não é possível estabelecer qualquer tipo de identificação com a personagem. Isso pode ser explicado porque as *fanfics* também são uma forma de aproximar os

personagens ou universo ficcional das matrizes culturais, demandas e critérios de gosto das fãs, de forma que elas se identifiquem ainda mais com o objeto de culto.

Apesar das mudanças nas características dos personagens principais serem socialmente aceitas, algumas leitoras não consideram que essas modificações tenham influenciado na interpretação dos personagens originais. Já outras leitoras demonstram modificar o seu posicionamento em relação aos personagens depois de ler *fanfics*. Abaixo estão alguns dados que podem ajudar a refletir sobre o assunto.

Fics não mudam meu modo de ver os personagens do livro. Eu sei separar. Até porque existem tantas personalidades diferentes adotadas no mundo das fanfics...

Bia Braz – Entrevista por chat do Gmail em 28/11/2012

Sua fic foi primeira fic com os casais do twilight q li e comecei a gostar mais deles por causa dela rs...

Jean Roots – comentário em 23/06/2009, 3ª Fase: Capítulo 06.

Acho que nós nunca conseguimos desvincular totalmente. tanto é q, por mais modificada que a personalidade da bella seja, vc ainda coloca alguma coisa da personagem original na sua. (...) como eu disse, não gosto da personalidade da bella. em alguns momentos eu alterei. para a minha historia eu precisei alterar

costumava ler muitas fanfics. antes era mais facil identificar peculiaridades da historia original nas fanfics, até mesmo nas de universo alternativo. um edward bonzinho e uma isabella altruita. mas acredito que as coisas mudaram, até por que o tipo de leitura está mudando. vampiros estão saindo um pouco de moda e homens lindos porém pertunados como christian grey, protagonista de 50 tons de cinza, estão sendo o tipo predileto das mulheres. escritoras de fanfics tbm podem acompanhar os gostos do publico e dos editoriais. por isso, lendo algumas como leio, a personalidade está sendo severamente modificada. mas houve um tempo em que manter as características do original era sinonimo de sucesso em uma fic.

Jacqueline Sampaio – Entrevista por chat do Facebook em 26/11/2012

No primeiro dado, a leitora é taxativa ao dizer que separa o universo dos livros e o das *fanfics*. No final, ela justifica o fato por haver muitas personalidades diferentes que são adotadas nestas narrativas. Isso ocorre, pois as *fanfictions* de Crepúsculo abordam principalmente os protagonistas das histórias e como não há uma cobrança para que a construção dos personagens seja fiel aos originais, há muitas versões disponíveis que, são tão diferentes dos livros que não operariam um remetimento forte aos personagens originais.

O segundo dado é um comentário no qual o leitor informa que passou a gostar mais dos personagens da Saga Crepúsculo após a leitura da *fanfic*. Isso significa que houve um processo de resignificação operado a partir de uma caracterização diferente dos personagens, que condiz mais com os padrões de identificação deste leitor.

Finalmente, de acordo com o terceiro fragmento apresentado acima, não há a possibilidade de desvincular totalmente os personagens das *fanfics* e dos livros. Entretanto, há sempre a opção de efetuar mudanças quando é necessário para a história ou mesmo dos aspectos que a autora não gosta. Para a entrevistada, embora ainda haja certa vinculação dos personagens de *fanfictions* e livros, hoje é mais difícil identificar essas peculiaridades que os relacionam na medida em que as autoras buscam “acompanhar os gostos do público dos editoriais”. Ela também recorda que “houve um tempo em que manter as características do original era sinônimo de sucesso”. Assim, quando os vampiros “saem de moda”

as autoras buscam outras inspirações para compor os seus personagens, mesmo continuando a escrever para o público de Crepúsculo, no qual ela já se estabeleceu como autora e possui um público cativo. Nesse caso, a *fanfic* deixa de ser uma prática que está fortemente ligada a um grupo de fãs e aos sentidos que circulam no *fandom*. Ela passa a ser uma dinâmica na qual o prazer está na leitura, escrita e interação, independente se os sentidos construídos através dos personagens remetem aos livros de Crepúsculo ou a outro *best seller*.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ECO, Umberto. *Obra Aberta*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1969.

_____. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

_____. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Uma introdução aos estudos culturais*. Revista Famecos: Porto Alegre, 1998. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3014/2292> Acesso em: 25 out. 2010.

FISKE, John. *The Cultural Economy of Fandom*. In: LEWIS, L. A. *The Adoring audience: fan culture and popular media*. Routledge: London, 1992.

GROSSBERG, Lawrence. *Is There a Fan in the House? The Affective Sensibility of Fandom*. In: LEWIS, Lisa A (ORG). *The Adoring Audience: fan culture and popular media*. London and New York: Routledge, 1992.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. In: SOVIK, Liv (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JENKINS, Henry. *'Straggers no More, We Sing': Filking and the Social Construction of the Science Fiction Fan Community*. In: LEWIS, L. A. *The Adoring audience: fan culture and popular media*. Routledge: London, 1992.

_____. *Textual Poachers: Television Fans & Participatory Culture*. Routledge: London & New York, 1992.

LEWIS, Lisa A (ORG). *The Adoring Audience: fan culture and popular media*. London and New York: Routledge, 1992.

LIMA, Luiz Costa (ORG). *A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979.

PUGH, Sheenagh. *The democratic genre: fan fiction in a literary context*. Bridgend: Seren, 2005.